

O Reinado Catiço e suas coreografias ontológicas desde os Brasis

Raphael Ribeiro da Silva⁸¹

Reinado Catiço and its ontological choreographies from Brazilians

Resumo

O artigo propõe um Reinado Catiço, enxergando o país a partir de suas bordas, mais especificamente a partir de coreografias ontológicas de Exus e Pombagiras das Umbandas. Nesse sentido, o esforço é promover fissuras e uma desconstrução da colonialidade nas dimensões do ser e da realidade do vivível do país. Atravessando pensamentos e vivências de algumas entidades arquetípicas e personagens populares, promove-se fissuras nas metafísicas, a partir das filosofias populares e do âmbito das macumbárias brasileiras.

Palavras-chave: Umbandas; Exus e pombagiras; Desconstrução; Coreografias ontológicas.

Abstract

The article proposes a Catiço Reign, seeing the country from its borders, more specifically from the ontological choreographies of Exus and Pombagiras das Umbandas. In this sense, the effort is to promote fissures and a deconstruction in the dimensions of being and the reality of what is livable in the country. Crossing thoughts and experiences of some archetypal entities and popular characters, fissures in metaphysics are promoted, from popular philosophies and the scope of Brazilian macumbárias.

Keywords: Umbanda; Exus and pombagiras; Deconstruction; Ontological choreographies.

*“Meu galo preto do pé amarelo, Olha que canta meu galo, e só faz o que eu quero,
Galinha preta não se deve depenar, Joga azeite de dendê, e põe exú pra trabalhar
Meu galo preto do bico de ouro, canta canta meu galo, e traz meu tesouro”
(Cantiga para Exu na Umbanda)*

Introdução

Este artigo propõe discorrer, ao seu modo e ciente das possíveis limitações, sobre a questão do ser, tendo como disparador a proposta do historiador e professor de literatura, Frederico Coelho (2019, 2021) onde propõe enxergar o Brasil, primeiramente enquanto uma frustração e depois parte da noção de delírio para pensar as múltiplas possibilidades de compreensão sobre o país. Nesse sentido, propomos uma análise que enxerga o país a partir de suas bordas, e portanto, só consegue enxergá-lo no plural. Nas muitas camadas, fronteiras e

⁸¹ Ela/Elu. Pesquisadora multiarteira maricón latina, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela UERJ. Integrante do Grupo de Estudos Negritudes e Transgressões Epistêmicas (GENTE) e do Laboratório de Pesquisa e Estudos em Cultura e Religiosidades (LECRE). e-mail: ph.ribeirodi@gmail.com

margens que fazem desse lugar, que se vislumbra enquanto nação e lugar de vida em comum, o que aqui se compreende com a noção de ilhas habitáveis de múltiplas existências.

Sendo assim, em consonância com as pesquisas e outras investigações que temos traçado nos campos da Filosofia e da Ética Aplicada, propomos uma discussão a partir da dobra: Umbandas e as filosofias populares brasileiras proposta pelo filósofo brasileiro Rafael Haddock-Lobo (2020). O aparato teórico no qual nos apoiamos, muito embora pareça diversificado, está (des)centrado, deslocado numa espécie de “encruzilhada epistemológica”, onde letras de músicas, reportagens de jornais, textos literários e frames imagéticos, além da experiência corporal dissonante das/nas favela, compõem um conjunto de organizadores do pensamento. Partindo de um gesto onde o cruzo é fundante da escrita, esse conjunto diverso de referências, está inscrito principalmente em dois lugares disciplinares: na filosofia popular brasileira, principalmente a que se debruça sobre o Rio de Janeiro, às macumbas e/ou Umbandas e as práticas culturais das favelas e subúrbios.

A filosofia popular brasileira, enquanto proposta filosófica disruptiva e que se configura em um pensamento ancorado nos que estão nas ruas, nas experiências cotidianas e ancestrais, nos conhecimentos herdados e aprendidos nas encruzilhadas, nos terreiros e nos feitiços, na ginga dos malandros, nas veredas dos vaqueiros, nas saias das pombagiras. Saberes que vão tomando o seu espaço, desafiando os conceitos de uma história única e linear e se impondo frente a um conhecimento hegemônico e limitador, como uma sabença que se dá na pele e nas encruzadas noturnas de um país que nem todo mundo consegue ver.

Trata-se, portanto, de uma ativa proposta contra a colonização dos pensamentos e das ideias, e que pode ser encontrado nas propostas de alguns pesquisadores brasileiros, sobretudo atravessados pelos saberes das macumbas, terreiros, sambas e das ruas, como Mariane de Oliveira Biteti (2020) e nos trabalhos reflexivos e no esforço intelectual de Rafael Haddock-Lobo (2020), ao produzir fissuras e desconstrução, a partir das filosofias e questões populares e do âmbito das macumbarias brasileiras.

Neste trabalho, é uma entidade das ruas quem vai nos conduzir, ironicamente, numa proposição a partir da falange de entidades espirituais esquecidas e apagadas na história hegemônica da Umbanda, que teve o pai de santo Zélio Fernandino de Moraes, como a figura de fundador e propagador. Na elaboração doutrinária do religioso, acreditava-se que as entidades das ruas, eram menos evoluídas e, portanto, não deveriam ser cultuadas enquanto guias espirituais para o trabalho mediúnico, tendo em vista o atraso *kármico* e áurico, conforme podemos ver na transcrição de parte da entrevista gravada do dia 22 de outubro de 1970, que faz algumas referências aos Exus e servindo hoje de modelo doutrinário para as casas religiosas

que descendem de seu pensamento em *Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade – Módulos I, II, III e IV* (Juruá, 2013):

Pergunta: Sr. Zélio, é sobre o trabalho dos Exús. Existem tendas que dão consultas com Exús em dias especiais além das consultas normais de Pretos Velhos e Caboclos. Como o Sr. vê isso?

Eu sei disto, que há muitas tendas que trabalham com Exús, eu não gosto porque é muito fácil se manifestar com Exú, qualquer pessoa médium, um mal médium se manifesta com Exú, basta ter um espírito atrasado; ou também fingindo um espírito, por isso não gosto e fujo disto, na minha tenda não se trabalha com Exú por qualquer motivo.

Pergunta: Mas o Sr. não considera o Exú um espírito trabalhador como todos os outros Orixás?

Zélio: Depois de despertado, porque o Exú é um espírito admitido nas trevas, depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros. Assim eu acredito no trabalho do Exú. (pág. 70-72).

Hoje conhecidas como Exus e pombagiras, ainda tidos como “catiços”, justamente por ainda carregarem uma certa acepção, no senso comum e na filosofia doutrinária clássica, de atraso evolutivo e dependentes de ajuda mediúnica para tal missão evolutiva, estão presentes como guardiões das tronqueiras e portas principais das casas religiosas. Os Exus catiços aqui são quem tomam o comando. Apesar de rejeitados, esquecidos, silenciados e subalternizados, aqui são o caminho pelo qual deliramos o Brasil. Mas é aquilo, né?... sem Exu não se faz nada!

1. **Brasil como frustração, ficção, delírio e gira**

O historiador e professor de literatura Frederico Coelho em seu texto *O Brasil como frustração* (2020), onde ele propõe enxergar o Brasil, primeiramente enquanto uma frustração e depois parte da noção de delírio para pensar as múltiplas possibilidades de compreensão sobre o país. A evocação da ideia de Delírio como conceito central decorre da provocação do cientista político Renato Lessa, quando reivindica com propriedade a relação completa entre política e imaginação. Lessa (2001) argumenta que o fundamento democrático da representação pode e deve ser pensado como uma alucinação, um delírio de igualdade impossível que movimenta horizontes de expectativas.

Projetando movimentos especulativos que resultam em transformações práticas, invenções de outros mundos, intervenções que precisam do delírio enquanto “mania”, isto é, de uma alucinação que transforma o sagrado em profano, o caos em cosmos, permite imaginarmos uma comunidade em uma situação colonial lida por séculos como inviável para a construção de uma nação. Nesse sentido, seguimos na direção dessas argumentações e pensamos sobre os modos de encontrar (e quando não encontrar, propor) significados e existências para o Brasil.

Mas por aqui, propõe-se coreografias que enxergam o país a partir de suas bordas, margens e dobras, e portanto, só consegue enxergá-lo no plural.

Aqui a argumentação central passa, necessariamente, pelos Exus Catiços e Pombagira, em uma direção que visa uma ética atravessada por becos, vielas, esquinas, marquises, e se consolida em uma política/poética dos corpos. No sentido de uma desconstrução de saberes, normas e instituições hegemônicas sobre os corpos e seus movimentos por entre lugares/lugares de saber, estabelecemos atravessamentos, transas e transes. Aqui somos obsediados sem nenhum purismo, estamos em um Reinado onde espectros, fantasmas são da ordem de uma soberania, mas é claro, se é que é possível, uma soberania ao revés. Uma contra soberania, uma soberania deformada, sem rosto, sem poder, mas com uma força desconstrutora, e com capacidade transformadora de produzir uma revolução pelo assombro.

O assombro, portanto, funciona aqui como um capital de poder, como uma força propulsora que possibilita a governabilidade desses seres, é a política do assombro. Do deixar-se assombrar, e do assombrar para viver. Está aí a lógica que muita gente ainda não se deu conta, daquilo que muitos ainda insistem em operar apenas e tão somente pela lógica do “encantamento pelo escoamento” ou do “encantamento nas/das ruas”, das coisas das ruas, dos corpos das ruas, das ruas vazias em si. Mas o encantamento como algo que não é alienável e estetizado, daquilo que não segue as cartilhas platônicas das luzes e sombras, das estetizações do que não é belo. Nem tudo é belo, nem tudo se quer belo, nem tudo tem que ser belo. Vocês estão vendo beleza demais e quando não tem, vocês insistem em enxergar a beleza, vocês a conclamam, imploram. É o tempo de expurgar a beleza enquanto fetiche decolonial, da Pombagira e do exu amigo-guardião, objeto de desejo, imagem de gesso e ferro assentado gerido como um objeto de fetiche.

Proclama-se aqui uma soberania nua e de quatro, onde a *Vadiocracia*, proposta por Jacques Derrida (2009), é uma das formas de organização política e que subverte muitos padrões de comportamento, moral e ético, tendo na figura de Zé Pelintra, o seu grande representante. A intenção aqui é bagunçar e propor um confronto dos pensamentos confortáveis, onde não adianta firmar a cabeça, se concentrar porque aqui não vai *refletir a luz divina com todo esplendor*. Aqui a poética do vivível acaba sendo proporcionada pelo convívio com os *eguns*, seres primordiais e fundamentais para que possamos aprender, mas também a repensar e rasurar uma ontologia, que ainda insiste em se forjar nas posições binárias e dicotômicas, tais como o real e da verdade, a da presença e da ausência, bem como entender que “espectros” ou fantasmas são aqui senhores e senhoras da razão eles existem e são importantes para vidas que se deixam ser atravessado por um encantamento outro.

Acredita-se que esse outro encantamento em que insistimos em proclamar, e nem mesmo conseguimos dar conta dele, pois ele escapa, ele vaza e transborda por todos os cantos. Afinal, já dizia Pombagira que não se pode pegar e dominar o vento. Esse encantamento é atravessado por uma opacidade, nos termos de Édouard Glissant (2021), não é límpido e da ordem, do verdadeiro, do compreensível e nem passível de doutrinação. Opacidade é sua força propulsora, é o seu gatilho e sua forma de nos atravessar e de ser atravessado pelas sombras que o constitui. Se não entendeu, vou falar melhor, vou rasgar o verbo: esse encantamento que é proclamado aqui, nesse *Reinado Catiço*, é um encantamento que escapa do lugar do límpido, poético, do belo e encantatório. É portador da *caticidade*, que escapa e não é da mesma ordem da orixalidade (DA SILVA, 2022), e nem se quer igual, é sujo, borrado, transgressor, opaco, sem brilho.

E quando dizemos opaco, diz-se que não é atravessado e constituído pela ideia de brilho e muito brilho, que passa pela lógica do tão iluminado que chega a ser encantador. E quando eu digo sujo, eu reitero esse lugar de não-límpido e iluminado, até porque perdeu a aura, se é que um dia teve. Tombou do céu, *decaído*. Mas não por isso menor, pois essa lógica hierarquizante não estrutura nossas geopolíticas macumbeiras. Uso a metáfora do decaído, apesar de saber que essa cosmogonia não compreende nossa constituição, não passamos pelos lugares inventados por vocês que enxergam tudo em linhas horizontais e verticais e retas. Mas se é assim que você enxerga, é a partir daí que a coisa vai se dar, mas depois que a fumaça e o marafo se misturarem, nada mais será como antes. Não seremos horizontalizados e nem seguiremos por linhas retas. Nas giras deste reino e desse reinado, a lógica rodeia, como e com Santo Antônio, “*amanssador de burro brabo*”, tudo aqui rodeia, se bagunça, se rela e se atravessa. É farrapo só.

As Pombagiras são aqui “imagens espectrais” que vão conduzir a reunião de saberes juntamente com alguns senhores, os Exus. Nesse caso, serão tidas como paradigmas de análise, nesse “Olimpo às avessas”, num fundo de casebre/castelo na Lapa. Maria Padilha vai contestar o motivo de todas as moças e “cavalos” desejarem ser rainha. A Pombagira Menina vai percorrer as ruas para nos trazer os muitos motivos das sexualidades residirem às noites e madrugada, sobretudo no ponto da esquina, mas também por entre becos e vielas, nos bailes de favela. Mulambo vai buscar encantamento junto com Tata Mulambo e Farrapo, por entre guimbas, mendicâncias, mamadas noturnas em troca de pó, mas também por entre a não subserviência do corpo gordo e a luta de classes. Dona Cigana mostra que enquanto vai caminhando a pé, o trânsito é a grande epistemologia e que o encantamento das ruas tem sido construído errado, e que todo bom andarilho que mete o sete é na verdade um grande senhor e senhora de si.

“Aciganar-se” é fazer das caminhadas da vida, uma sabedoria e um dispositivo de sobrevivência. Maria Navalha “mulher-homem” rasura as instâncias do feminismo e da lógica da burguesia na construção do ser feminino com suas navalhas pelas ruas, e prova de que o bicho que der nas ruas, ela come. A questão do dribble, da ginga, da sabedoria das ruas, o encantamento enquanto política de Catiço, passa também por Tranca Ruas, senhor dono da rua, que vai dá uma volta lá fora e só põe pra dentro quem é bom, mas não na lógica da transparência. Até porque nas encruzilhadas de ontem e de hoje (se é que é possível fazer essa cisão quando o tempo é espiralar) ele é um alguém que não amava ninguém. Zé Pelintra, que ginga e samba como poética/política da malandragem, que ensina verdadeiramente o que saber dar o pinote. O cara dixava na alta burguesia, onde só tem otário com terno alinhado, mas que entrega o “pino de galo” cheirado no espelho da gafeira. Quando os cana passa, o Zé de hoje, nem sempre roda, até porque meu caro, caiu no papinho, já era...

Mas não se pode esquecer que a opacidade é ainda mais opaca no encantamento do horror, no obscuro, no sombrio, nas sombras e nas “margens das margens das margens”: na luta contra e com a morte e com o Coveiro-Mor, Exu Caveira. Afinal, se convive com ela, se esquiva dela, se entrelaça por ela, e quem perde vai às sombras de si mesmo, dos sistemas, acessa o vazio do sem-fim do mundo e só lá compreende as curvas desse mundo. No ponto afirmado na folha de bananeira, vamos conhecer as múltiplas possibilidades de vitalidade nos escombros das mortes, dos ossos empilhados por entres covas 66 e corredores 40, onde da morte existe a existência, e portanto viver não é existir e existir não é viver. A rasura desses espaços, desses lugares de existência, abre o nosso entendimento para a compreensão dos muitos modos de existência e as muitas modalidades do não-existir. E por entre essas modalidades, habitar, povoar os espaços. Portanto, povoar e viver também entram em conflito. Com Caveira aprenderemos, a paciência do tempo, da espera pela morte, apesar de não a almejar, mas a certeza de que essa não-existência, nos funda e constitui, e é incontornável.

Exu do Lodo é aquele que nos aponta para outra dimensão do encantamento, mas nem tanto na opacidade, mas no brilho do musgo que desliza, no catar e no viver por entre restos e nos escombros dos “castelos urbanos”. No resíduo, no acúmulo de substâncias que nos constitui, na matéria orgânica decomposta, nos faz seguir escorrendo por entre os restos de nós mesmos, pelo que escapa de nós, mas que de algum modo, retorna. Da lameira que nos atola aqui e acolá, e que por mais que tentamos, não conseguimos, afinal, essa lama é nosso lugar primeiro cedido pela Senhora Mãe- mais velha dos pântanos. É desse amálgama nas encruzilhadas, e nos canteiros de fossa, somos todos como lameiros.

Chegou a hora de falar de coisas que não são tão belas. Tem um grupo vasto de intelectuais, devotos e fãs que insistem em enxergar beleza nessa gente, mas se quiser, vai nessa, não tem problema, mas aqui não propomos uma definição de estetização encantatória monolítica, fechada em si e com padrões e parâmetros de definição e análise. Nos interessa mais pensar nesses corpos atravessando o fogo e chegando em chamas até aqui. Corpos em chamas, deformados, espectrando espaços, tempos, nuances das sujeiras deixadas debaixo dos tapetes dos salões das colônias.

2. Pedacinhos de Estamira

Exu é o caos que traz a ordem. Estamira é a peça fundamental dessa nova ordem a ser instaurada (HADDOCK-LOBO, 2020). Esses dois grandes agentes, envolvidos numa cabaça-carnavalesca não poderiam dar outro tom para a nossa suspensão da normalidade. O Rio de Janeiro e o Brasil todo, como público participante do maior espetáculo da nossa cultura, ganhou uma injeção de ânimo e coragem para seguir. Dois anos sem Carnaval. Dois anos pedindo a ancestralidade para que pudéssemos, ao fim e ao cabo, sobreviver a todas as mazelas visíveis e invisíveis. Visíveis, sentidas na pele, nas perdas e nas tristezas de uma doença que descortinou o horror de um país desgovernado, mas com um coração alegre e sempre crente que a vida vai melhorar, um dia, quem sabe. E esse dia chegou! 2022 nos trouxe a possibilidade de gritar o grito engasgado: Vai ter Carnaval!

Embalado sob uma folia carnavalesca de outono, tivemos desfiles belíssimos e com um canto que esquentou o solo, pelo qual percorreram cariocas, brasileiros e toda sorte de pessoas, que lavaram as vossas almas encantadas e encarnadas pelos encantos das ruas, pela Avenida Marquês de Sapucaí, que de saudade não morreu, bem como nosso instinto festeiro. Dentre as muitas possibilidades, a Acadêmicos do Grande Rio, “escola-quilombo” de Duque de Caxias, nos trouxe um grande padê pedindo renovação para esse período pós- pandemia, com o enredo “*Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu*”, assinado pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora. E não poderia ser diferente do que foi. Senhor dos caminhos, das possibilidades, dono dos corpos. Encarnou na Avenida toda a alegria, a fome e o desejo de gritar para espantar todo o mal que nos assolou nos últimos muitos meses.

Entre gargalhadas, padês, muito vermelho e samba no pé, a plástica da Grande Rio impactou pela irreverência, elegância e pela potência político-epistêmica, elaborada pela dupla Leonardo e Gabriel, que queima, bem como no fogo dos caldeirões de Quimbanda, todo e qualquer racismo religioso. Esse intento que, de certa forma vem como um continuum do carnaval de 2020, quando a Grande Rio trouxe para Sapucaí o pedido de “Respeite meu Axé!”

no enredo “*Tata Londir — O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias*”, que louvava a trajetória do babalorixá Joãozinho da Gomia. Mas dessa vez, Joãozinho virou Catio, e o recado foi dado por completo, com direito a pads e uma gira embalada por samba e coro de “ Campeã!”. A macumba venceu!

Todo macumbeiro que pão o p no chão no terreiro, que encarna ou participa de uma boa gira de Exu na Umbanda ou Quimbanda, vai se impactar com o carro Abre-alas da Grande Rio, aliás, é impossível não lembrar do ponto “Mar de Fogo” de Pombagira e Exu. O mar de dendê que pintou a Sapucaí de vermelho e amarelo alaranjado, foi a base pela qual percorreu um imenso barco-assentamento de Exu. Esse barco que atravessa a encruzilhada-mar, certamente vem trazendo para nosso porto carioca, a ginga e a f do povo da rua. Povo esse, que desencarnado, faz mandinga com saia rodada, capa e cartola, panams, marafo e fumaça. A cada baforada enfumaada desenha nos astros toda sorte de macumbas. Desencarnado, traz samba no p e grito na garganta que como um bom passe des-horripilante, espanta o tédio.

A Estamira da Grande Rio, *empombagirou-se*. Tornou-se então, a linguagem/código ancestral que desenha pelo mundo visível da plástica rstica do resto e do chão sujo, das poeiras ditas sujas, mas que são nada mais que as paisagens de dentro do corpo da gente. Todo mundo, em certa medida,  Exu e Pombagira,  catio e  Bar. Do dentro mais dentro e profundo, que de tão profundo, ancestral é. O Reinado Catio apresentado  material transparente que espelha a alma ancestral. É o desejo pulsante mais intenso, transpiração corporal latente que caminha a p pelas encruzas, becos e vielas.

Sabemos que, embora dito no samba e no chão da escola, bem como no conjunto plástico-artístico do desfile apresentado, é bom firmar mais uma vez esse ponto: sem Exu não se faz nada. Uma escola de samba, portanto é um grande assentamento de Exu. Que lembremos desse fundamento para todos sempre: Uma escola de samba é um corpo em movimento, portanto, é um Bar, uma Elegbar. Sem o corpo em movimento, sem o corpo não há movimento. Sem corpo e movimento, não há Carnaval, sem Carnaval não há vida nesta cidade de tantas Estamiras. Nessa cidade todo mundo  de Estamira.

Estamira Gomes de Sousa, conhecida por protagonizar documentário homnimo, foi uma senhora que apresentava distúrbios mentais, vivia e trabalhava ( época da produção do famoso filme-documentário homnimo dirigido por Marcos Prado, que lhe concedeu conhecimento midiático de grandes proporções) no aterro sanitário de Jardim Gramacho, local que recebe os resíduos produzidos na cidade do Rio de Janeiro. Tornou-se famosa pelo seu discurso filosófico, uma mistura de extrema lucidez e que outrora tratado por “loucura” — precisamos observar atentamente isso, por isso aplico, ao meu modo, essa categorização dentro

de um conjunto diverso de epistemologias, que em distintas proporções, por escaparem de uma lógica estruturante discernível e valorizada historicamente, é vitimada por uma colonialidade — que abrangia temas como: a vida, Deus, o trabalho e reflexões existenciais acerca de si mesma e da sociedade.

E já que falamos de um espectro da colonialidade (MORAES, 2020), que fique dito aqui que todo o pensamento estruturado por entre o chão do terreiro, das quadras de escolas de samba, pelo chão-grito das comunidades, pela plástica artística de cada agremiação, pela cadência das baterias (que são, de certa forma, continuidades dos batuques dos terreiros), pelo canto dos sambas, são saberes fundamentais e fundantes da nossa brasilidade. Portanto, não há Brasil sem a festa das ruas. Nossa filosofia e pensamento lógico-estruturado passam por todos esses espaços, gingam, driblam, suam e incorporam! São dotados da mais alta “caticidade”.

Aproveitando o espaço aberto aqui, digo com afeto e propriedade: o desfile da Grande Rio, sustentado pelo padê ofertado à Exu nas porteiras vivas das nossas casas e pelo “chão de Estamira” (que vire conceito!) é uma reflexão de altíssimo nível sobre nossa brasilidade, é uma produção epistemológica sobre e a partir de nossos muitos Brasis, mas do ponto de vista daqueles que dentre esses muitos, foram enfeitados pelos pensamentos-macumbas. As categorias filosóficas partem das encruzas, dos bares, becos e vielas, lixões, da viadagem, da vadiagem, das giras e dos corpos e almas encantadas das ruas. Outra referência ao chão de Estamira estão as alegorias e fantasias de aspectos residuais, que para além do fato de reverenciarem os restos, matéria-prima e solo estruturante da catadora de lixo de Gramacho, também se fizeram presente no tripé vazado de luz, no qual a cantora Rita Benedito, coroou os resíduos com o vermelho de Exu, apontando para o fato de que Exu é a boca que tudo come, e que não há resto quando o senhor dono do corpo e da encruza está alimentado.

3. Reinado Catiço e os modos de ser nos Brasis

“Boa noite, moço. Boa noite, moça.” A filosofia pombogírica e exusíaca é aquela filosofia que atravessa o corpo. E como já no alertou Luiz Antônio Simas na canção *O corpo encantado das Marias* “vive morto o corpo que não Mulambeia”, em clara alusão à figura de Maria Mulambo, Pombagira tão conhecida dentro de nosso “Panteão Pombogírico” panteão esse, que teve espaço em todo o desfile da Grande Rio⁸². Nesse sentido, seguimos por uma proposição ético-filosófico que se dá a partir de um deslocamento imaginativo, do ponto de

⁸² Essa temática foi contemplada no projeto “Contos Encantados das Marias”, com duas edições no perfil do Instagram Orixalidade, que faz parte estruturante dessa pesquisa. <https://www.instagram.com/orixalidade/>

vista cosmogônico das giras de umbandas de Exu e Pombagira, e de modo geral, das macumbas, sobretudo as cariocas.

Estamira chamou pela força desencarnada dos amigos guardiões, que vieram de todos os buracos e campos de forças espirituais, para assentar durante o período de festejo, uma força exusíaca que escorraçou a morte de nosso coreto, que como resposta nos diz que a sorte foi lançada e que driblamos, mais uma vez e sempre, por intermédio dos "Kumbas" (poetas encantadores das palavras), mas também os "Kiumbas" (espíritos tidos como sem evolução espiritual, zombeteiros, perturbadores, obsessores, que assombram) a morte e as mazelas. Exu, como mensageiro e brincalhão que é, faz esse trabalho (entendido como) sério, sorrindo.

O Reinado Catiço nos traz uma sabedoria que vem das ruas, que vem do que é tido como menor, pelo fato de sua configuração ser de algazarra, de bebedeira, de *swing*, de rebolado, em forma de festa. A “epistemologia dos catiços” advém do vento, da força intempestiva daqueles que são ventania que descem a serra, para incorporar “sabença”. Lá vão algumas historinhas miudinhas, feito pedrinhas, que nos fazem tombar, deslocar, rodear pelas margens....

A história mítica tradicional e fundadora das origens históricas da Pombagira Maria Padilha nos leva para a Espanha, sendo associada a história da famosa Maria de Padilla, amante de Pedro I da Castela, que posteriormente tornou-se a amada legítima do rei, tendo vivido entre os anos de 1334 a 1361. Mas é preciso retirar nossos saberes do espaço colonial, é preciso construir cotidianamente nossa afro-brasilidade e por isso temos de encontrar a força de Marias Padilha pelos becos e vielas do Brasil. Existe uma problemática muito grande quando a gente pensa na questão das Pombagira que, de um tempo para cá tornaram-se, quase todas, sem exceção, Rainhas. - E trazemos essa discussão sem pretensão de acionar sem saudosismo, nem com os juízos de valor que ele nos espectra.

Mas é que essa onda de estetizar as Pombagira, de coroá-las enquanto rainhas, aos moldes *hollywoodianos*, à lá *Barbie*, traz consigo o seu espectro mitológico e sua jornada heroica que apaga sua vivência e constituição estamírica, seu espectro que se vendem nas esquinas e nos pontos sob a escuridão da madrugada, que sangram e que retalham. Que bambeiam. Escolhi trazer para a minha evocação de Maria Padilha, a ginga do samba que dribla, até onde consegue, a morte. Pois o samba e a ginga, nesse espaço, é o *phármakon* diante de tudo que venha tombar os corpos.

Deslocar Maria Padilha do lugar altamente estetizante do “ser rainha”, de ser aquela que governa, que tem súditos e que exerce todo poder que a nobreza propicia, se deu para que pudéssemos juntos entender que trono é esse que muitos querem, a todo tempo e a qualquer custo, sentar para governar. O deslocamento fundamental que enxergo nessa questão está nos

dois lugares que o conto nos leva: os quartinhos dos fundos nas casas dos “brancos donos de tudo” e entre os bambas nas quadras das escolas de samba, nessa dobra que compõem o reinado das muitas Padilhas, Brasis adentro.

Para essas mulheres empadilhadas que aqui se espectram, o modo de governança de seus corpos escapa, muita das vezes, de suas próprias gerências, que dirá dos que aos seus redores estão. A democracia sob a qual vivem, o dito regime que embala seus modos de ser e seus corpos, é um projeto político de cisão, onde não é possível desenrolo, não tem drible e nem ginga. É um projeto político que tomba os corpos de seus filhos, que enquadram os moleques com ou sem a cara de bandido: a marginalidade os alcança, enquanto elas lustram móveis, enxaguam louças, ariam panelas e limpam privadas. É nesse fio da meada que ato o nó, a partir da epistemologia trazida por Maria Padilha: “pra ser rainha não é só sentar no trono, pra ser rainha tem que saber governar”. Que tipo de governança é possível para quem tem de rodear as hospitalidades e desconstruir governanças, para garantir sua existência e a governabilidade de seus corpos e modos de existência.

Não há espaço para súditos, não há espaço para gerenciar o outro, pois não existe espaço para a construção de outridade, não se pode pensar em verticalidade, quando os horizontes são de coletividade e hospitalidade. Maria Padilha espectra aquelas muitas outras que cresceram aprendendo a mulheridade, com sua velha, que a criou, criou sua mãe, e ainda ajuda na maternagem dos netos e bisnetos. Espectra também essas mulheridades coletivas onde uma olha o filho da outra, enquanto vão trabalhar, distribuir currículos ou farrear, arrumar dinheiro na rua ou vão se espalhar (ainda mais) pelas quadras de escola de samba, pagodes cidade a fora e bailes de comunidades.

As origens históricas da Pombagira Cigana nos remetem aos povos ciganos, populações nômades que constituem minorias étnicas em numerosos países. Nesse sentido, busquei associar o nomadismo cigano aos povos tradicionais ribeirinhos, por motivos óbvios. Falar hoje do povo Cigano é falar, ainda, apesar de tanto e tudo que temos feito e falado, de povos que não desistiram de ser quem são. De origens étnicas diversas, conhecidos por migrarem voluntariamente, esses grupos também foram historicamente submetidos a processos de deportação, subdividindo-se em vários clãs, denominados segundo as suas antigas múltiplas profissões e suas procedências geográficas, e pelas línguas ou dialetos diferentes que falam. Mais uma história de dor no mundo que vivemos. Um povo que se constitui por modos coletivos de trabalho e de aprendizado. Um povo que dança. A premissa de que os deuses dançam, seguem construindo saberes e vivências.

Em 2007, os povos tradicionais, entre eles os ciganos, foram reconhecidas pelo Governo do Brasil, que através da política de desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais (PNPCT), ampliou o reconhecimento feito parcialmente na Constituição de 1988, agregando aos indígenas e aos quilombolas outros povos tradicionais, a saber: ribeirinhos, caiçaras, castanheira, catador de mangaba, retireiro, cipozeiro, extrativista, faxinalense, fecho de pasto, geraizeiro, ilhéu, isqueiro, morroquiano, pantaneiro, pescador artesanal, piaçaveiro, pomerano, terreiro, quebradeira de coco-babaçu, seringueiro, vazanteiro e, veredeiro.

Será que, ainda hoje, devemos louvar apenas os povos tradicionais indo-europeus e árabes, em sua maioria, que devido a perseguição étnica, baixam em nossos corpos para perpetuar seus saberes milenares de magia e encantamento? E essa gente toda aí que constitui os “povos tradicionais” amparados pelo Governo, quando baixarão em nossos corpos para dançarem e perpetuar seus saberes? Nesse caso, se faz urgente, rasurar as Umbandas com macumbas das mais diversas, mas que valorizem saberes de quem vem caminhando a pé, dançando e reinventando nossos Brasis, todos os dias, em suas muitas e diversas barracas velhas.

Exu Caveira traz da Calunga Pequena (os Cemitérios) o saber de que nem mesmo a morte é o fim da vida. Ele reina com Dona Rosa Caveira no Cemitério, e nos diz: *“Cemitério é praça linda/Mas ninguém quer passear/ Debaixo daquela cova/ A família dos Caveiras moram lá...”* Portanto, preciso saber que da morte vem potência, na escuridão existe clareza de ideias. O oposto disso é racismo epistêmico.

Pombagira Sete Saias trabalha pro amor e dança livremente com suas muitas saias rodadas, e não há nada que a impeça de perfumada ser que ela desejar ser. Nos ensina que de saias coloridas podemos desbravar nossos amores livremente, sem essa de meninos de azul e meninas com o rosa. As cores são múltiplas e atravessam realidades diversas, pra todes. Dona Catacumba, morta por homens que dela queriam apenas a objetificação, e depois do estupro, ousaram o esquartejamento. Hoje, uma das rainhas da Calunga, mora por entre as covas do Cemitério e sua Catacumba é a mais bela, seu colchão é de muitos ossos e seu castelo é feito de homens mortos, por ousarem ser feminicidas.

Seu Zé, malandro da encruzilhada, que veio do Catimbó do Alagoas, é boto-cor-de-rosa no interior do Amazonas, pai de uma infinidade de filhos e filósofo sambista, nos ensina que não trabalhou, mas morreu, e seu maior trabalho foi desencarnar, e se espalhar como vento, para boemicamente, nos ensinar a ser todo tipo de gente. Salve seu Zé! Maria Padilha, senhora conhecidíssima, como toda boa Maria que é, vem marcando muitas gerações de macumbeiros e é tida como a “Nossa Senhora” das casas de Umbanda, Quimbanda e Catimbós nos Brasis a

fora. Veio caminhando pelo mar de fogo, desde a Espanha onde fora amante tão amada, parou em Pernambuco, onde se juremou e vestiu saia rodada aqui no Rio de Janeiro, como boa Rainha das Encruzas. Padilha, é Mojubá!

Capa Preta é aquele guardião da noite, é mais um daqueles que mostra que da escuridão se acende sabença, que não é preciso sair das sombras para conhecer o mistério das coisas. Isso é coisa de Platão. Das cavernas de onde vem os Capas Petas das macumbas, é nas sombras que moram todo e qualquer segredo pra seguir o caminho de vitórias. Outro senhor da capa e da cartola, esse patrono de muitas casas e senhor de muitas portas, é o Nosso senhor, mestre de muitos fiéis, Tranca Ruas é aquele senhor que, dentro da nossa “epistemologia macumbística” nos ensina o verdadeiro caminho, a verdade e a vida, pois é ele é dono da rua e quem cometer falhas, a ele peça perdão. E siga, Laroyê, seu Tranca!

“*Seu Tiriri é rei já e ganhou coroa, a sua risada não é à toa*” ... Mestre de muitos discípulos, que outrora fora um simples camponês que de amou sofre, que de amor se embriagou, mas que de bons caminhos é conhecedor. Não brinca em serviço e com os Seu Sete e legiões ele vem, sempre sério e focado nos trabalhos, mesmo que embriagado, pra provar de uma vez por todas que analfabeto, camponês e cachaceiros podem mudar a vida de muita gente, seja encarnado ou como Exu catiço. Eu boto fé nos cachaceiros!

“*Marabô iê, Marabô iá, cadê Marabô, cadê Marabô? cadê Marabô? Marabô iá!*” ... Para alafiar, vamos trazer pra essa roda de pedrinhas miudinhas, mais um bom senhor das ruas, dos terreiros e dono dos corações, aliás reza a lenda que ele pula de cova em cova atrás de um coração...há quem diga também que ele tem como função a desobsessão, e tenho certeza que na Sapucaí ele baixou, marcou presença e nos promete que vai levar daqui tudo que nos oprime, sejam eles os racistas, homofóbicos, machistas e até mesmo figuras políticas.... Afinal, “*ele é pequenininho, mas pra mim ele é grande demais, tudo que eu peço a ele, ele me faz!*” ... Sendo assim, encerramos a gira de catiços, cientes de que nada foi esgotado, é impossível desobsediar aquilo que em sua constituição, é um devir, é um desvio, é da ordem do casticidade.

Referências

Borges-Rosario, Fábio.; Moraes, Moraes, Marcelo José Derzi de.; Haddock-Lobo, Rafael. (Org.). Toco, farofa e marafô. In.: Borges-Rosario, Fábio.; Moraes, Moraes, Marcelo José Derzi de.; Haddock-Lobo, Rafael. **Encruzilhadas Filosóficas**. Rio de Janeiro: Editora Ape’Ku, 2020. Derrida, Jacques. **Vadios: dois ensaios sobre a razão**. Tradução: Fernanda Bernardo. Palimage Editores, 2009.

- _____. **A farmácia de Platão**. Editora Iluminuras, 2019.
- De Oliveira Biteti, Mariane. Morte e Vida Pombogira. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, 2(4), 101-114, 2021.
- Coelho, Frederico. O Brasil como frustração. In: **Revista Serrote**, n.31, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/03/o-brasil-como-frustracao-por-fred-coelho/> Acesso em: 12 jul. 2024.
- Glissant, Édouard. **Poética da Relação**. Tradução: Marcela Vieira; Eduardo Jorge de Oliveira. Editora Bazar do Tempo, 2021.
- Haddock-Lobo, Rafael. **Fantasmas da Colônia**. Editora Apeku, 2020.
- _____. Filosofia popular brasileira. **HH Magazine**, 2020. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/category/colunas/filosofia-popular-brasileira>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- Juruá, Padrinho. “**Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade – Módulos I, II, III e IV**” / Padrinho Juruá: São Caetano do Sul, 2013. Disponível em: [Origem Umbanda \(1library.org\)](http://1library.org). Acesso em: 05 jun. 2023.
- Lessa, Renato. “Como se pensa”. In: **Lua Nova**. (54): 43-86, 2001. URL: <https://www.scielo.br/j/ln/a/7ttzQgV5SgQgTpH4LCNxStL/?format=pdf&lang=pt>
- Moraes, Marcelo José Derzi de. **Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.
- Sodré, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, Vozes: 2017.
- Silva, Raphael Ribeiro da. Por uma ética da Orixalidade nos Brasis contemporâneos. **Ensaio Filosóficos**, (26), 34-44, 2022.
- Simas, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Civilização Brasileira, 2021.
- _____. **O corpo encantado das ruas**. Editora José Olympio, 2019.
- _____. Rufino, L., & Haddock-Lobo, R. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Editora Bazar do Tempo, 2020.